

BENEDITO NUNES: TRAJETÓRIA NO “ARTE SUPLEMENTO LITERATURA” DO JORNAL *FOLHA DO NORTE*

Maria de Fátima do Nascimento¹

Hei de edificar a vasta vida
Que mesmo agora é teu espelho:
Toda manhã hei de reconstruí-la.
(...)

Jorge Luis Borges, “Primeira Poesia”.

Benedito Nunes iniciou-se como crítico de literatura na imprensa escrita de Belém (PA), na condição de colaborador do encarte literário “Arte Suplemento Literatura”, do jornal *Folha do Norte*, durante o período de 1946 a 1951. O mencionado suplemento totalizou 160 números e recebeu colaborações de grandes nomes da crítica literária brasileira, a exemplo de: Álvaro Lins, Aurélio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Lúcia Miguel Pereira, Paulo Rónai, Roger Bastide, Paul Arbusse Bastide, Otto Maria Carpeaux, e Antonio Candido, bem assim de poetas, entre eles, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Murilo Mendes. Assim sendo, o presente trabalho objetiva mostrar a trajetória de Nunes, no “Arte Suplemento Literatura”, do *Folha do Norte*, bem como observar a consequência dessa sua participação para a formação do crítico literário que ele se tornou.

Antes, porém, de publicar no suplemento em foco, Nunes, aos 12 anos, já se encontrava enfronhado na leitura e escrita de poemas. Ele teve uma experiência excepcional com amigos que vieram a ser, mais tarde, poetas e ficcionistas reconhecidos no estado do Pará e no Brasil. Em 1942, o intelectual paraense, juntamente com Max Martins², Alonso Rocha, Jurandir Bezerra e Haroldo Maranhão³, fundou, dentro dos

¹ Doutoranda em Teoria e Crítica Literária do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas (SP). Profª. de Literatura Brasileira, da Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista da CAPES. Orientadora: Profª. Drª. Suzi Frankl Sperber.

² Max Martins é de Belém (PA), com nascimento em 20 de junho de 1926. Companheiro de Benedito Nunes desde a infância, também foi colaborador do encarte “Arte Suplemento Literatura” do jornal *Folha do Norte*, no qual são estampados alguns de seus poemas, posteriormente publicados em livro. Esse vate belenense faleceu em fevereiro de 2009, deixando vários livros de poemas, tais como: *O estranho* (1952); *Anti-retrato* (1960); *O risco subscrito* (1980); *Caminhos de Marahu* (1983); *Não para consolar – Poesia completa* (1992).

³ Haroldo Maranhão nasceu em Belém em 1927. Formou-se pela Faculdade de Direito do Pará, sendo o criador e editor do “Arte Suplemento Literatura”, do *Folha do Norte*, jornal de propriedade de seu avô, Paulo Maranhão. No referido periódico, congregou o grupo de amigos amantes de literatura (Max Martins, Benedito Nunes, Alonso Rocha, entre outros). Faleceu em 2004, deixando os seguintes livros: *A estranha xícara* (1968); *Chapéu de três bicos* (1975); *Voo de galinha*; *As peles frias* (1982) – contos; *O*

moldes da *Casa de Machado de Assis*, uma agremiação de letras chamada *Academia*, que depois foi reconhecida como *Academia dos Novos*. Nessa agremiação, tendo como sede a casa das tias de Benedito Nunes, reuniam-se para ler e recitar composições de autores românticos e parnasianos, como Castro Alves e Olavo Bilac, e versos metrificados e rimados pelo grupo, através do que os seus componentes se exercitavam na escrita poética, tomando como modelo os adeptos da *arte pela arte* e seguindo os postulados do *Tratado de versificação* (1905), de Guimarães Passos⁴.

Do contexto em evidência, o ensaísta belenense recordou-se com estas palavras:

Falecido em 2004, Haroldo Maranhão, meu companheiro de colégio no ginásio, a que me ligou, desde menino, a comum fome de leitura, e também meu confrade literário numa sociedade juvenil que fundamos, com outros então novos – a Academia dos Novos – espelhada na Academia Brasileira de Letras (ABL), seguindo os requisitos acadêmicos todos que nos propunha um dos Anuários dessa entidade que ambos avidamente lêramos (NUNES, 2005, p. 291).

Entretanto, no Pará, o primeiro momento de “insurreição modernista” já havia ocorrido com a revista *Belém Nova* (1923-1929), cuja profissão de fé, o *Manifesto da Beleza*, teve a autoria de Francisco Galvão. O fundador e dirigente da revista foi Bruno de Menezes⁵, que deixou um conjunto de obras literárias importantes, sendo *Batuque* (1931) a mais conhecida. Na *Belém Nova*, Abguar Bastos publicou dois manifestos em prol da literatura modernista: “À geração que surge” (1923) e “Flami-n’-assu” (1927)⁶. Posteriormente, foi morar em São Paulo e entrou na política partidária, deixando, desse momento inicial, *A Amazônia que ninguém sabe* (1930)⁷. De igual modo, a cronista

tetraneto del-rei (1982); *Os anões* (1983), *A porta mágica* (1983); *Cabelos no coração* (1990); *Memorial do fim: A morte de Machado de Assis* (1991), entre outros romances.

⁴ Cf. NUNES, Benedito. Prefácio. In. *Não para consolar: Poemas reunidos: 1952-1992*, p. 17-18.

⁵ Bruno de Menezes nasceu em Belém do Pará em 21 de março de 1883 e faleceu em Manaus-Amazonas em 2 de julho de 1963. Estudou apenas o curso primário, tornando-se aprendiz de encadernador, o que possivelmente permitiu o seu contato mais estreito com os livros, especialmente os de literatura. Ficou conhecido no Pará mais como poeta. No entanto, foi ficcionista, folclorista e estudioso de literatura, deixando as seguintes obras: Poesia: *Crucifixo* (1920); *Bailando no luar* (1924); *Poesia* (1931); *Batuque* (1931); *Lua sonâmbula* (1953); *Poemas para fortaleza*; *Onze sonetos* (1960); *Folclore: Boi bumbá - auto popular* (1958), *São Benedito da Praia* (1959); romances: *Maria Dagmar* (1950) e *Candunga* (1954). No jornal aqui estudado, do qual Benedito Nunes colaborou do início ao fim do periódico, foi encontrado o seguinte texto de sua autoria: “Catulo cearense: a modinha e a poesia da brasilidade”, do dia 5 de maio de 1946.

⁶ Cf. COELHO, Oliveira, Marinilce. “Itinerários modernistas”. In. *O Grupo dos Novos (1946-1952): Memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA; UNAMAZ, 2005, p. 71-106.

⁷ Esse romance de Abguar Bastos, em 1934, foi publicado no Rio de Janeiro com mudança do título para *Terra de Icamiba, romance da floresta*.

Eneida de Moraes, também uma das colaboradoras daquela revista, escreveu seu livro de estreia, *Terra verde* (1929), explicitamente em consonância com a nova tendência, partindo para o Rio de Janeiro e tornando-se militante política do Partido Comunista Brasileiro (PCB)⁸.

E ainda houve um segundo momento do Modernismo em Belém, já que, em 1938, outro grupo fundou a revista *Terra Imatura*, que circulou de 1938 a 1942, dirigida por Cléo Bernardo e seu irmão Sylvio Braga, tendo como redatores, entre outros, Bruno de Menezes, Ruy Barata, Dalcídio Jurandir e o Prof. de Literatura Portuguesa e História da Arte Francisco Paulo do Nascimento Mendes⁹. Como afirmou Marinilce Coelho: “Essa revista foi significativa por expressar em suas páginas uma literatura mais preocupada com a realidade sociopolítica, já sem aquele caráter experimental e irreverente do primeiro instante modernista” (2005, p. 93).

Benedito Nunes, no prefácio intitulado “Max Martins, Mestre-Aprendiz”, do livro de Max Martins *Não para consolar: Poemas reunidos 1952-1992*, dado à estampa em 1992, trouxe informações que esclareceram as circunstâncias envolvendo a *Academia dos Novos*, cujos integrantes, em 1942, ainda viviam na era parnasiana:

Nada sabíamos da passagem de Mário de Andrade por Belém em 1927 e muito menos da existência de seus correspondentes paraenses, mais interessados nos estudos do folclore do viajante paulista do que na poesia “futurista” de PAULICEIA DESVAIRADA. Embora já tivesse dezoito anos de idade, o Modernismo ainda não ingressara em nossas antologias escolares. Vivíamos, durante a Segunda Guerra Mundial, uma época de isolamento provinciano; sendo o transporte aéreo precário e raro. Belém ligava-se às Metrôpoles do Sul quase que só pela navegação costeira do Ita. Isso tudo justifica, mas não explica nosso retardamento literário de jovens versejadores acadêmicos. Pois fundamos nossa própria Academia com poltronas austríacas, lustre, patronos ilustres, posse solene e discurso de recepção. Só começaríamos a modernizar-nos depois da morte de Mário de Andrade, em 1945 (1992, p. 17).

⁸ Cf. SANTOS, Eunice Ferreira dos. *Eneida: memória e militância política*. Belém: GEPEM, 2009.

⁹Francisco Paulo do Nascimento Mendes (1910-1999) teve grande importância na formação de intelectuais paraenses desse período. Também crítico literário, contribuiu marcantemente para o desenvolvimento da vida cultural de Belém do Pará, sendo amigo, entre outros, de Benedito Nunes, Mário Faustino, Max Martins, Ruy Barata e Clarice Lispector, de cuja literatura Nunes vem a ser um dos estudiosos.

Contudo, ainda de acordo com o pensador do Pará, foi o poeta Max Martins quem primeiro se deu conta do atraso cultural em que a *Academia dos Novos* vivia, em se tratando de arte verbal, especialmente, da produção em versos:

Max Martins, honra lhe seja feita, antecipou-se a esse processo de geral conversão estética. Bancando o Graça Aranha, gritou Morra a Academia! Numa sessão solene. E saindo espavorosamente da sala, ou do recinto, conforme dizíamos, foi sentar-se no banco público fronteiro à minha casa, sede do silogeu, onde esperou a saída dos confrades para a costumeira badalação em bando pelas ruas da cidade (NUNES, 1992, p. 18).

A consciência do Modernismo no Brasil, para esse grupo de autores iniciantes do Pará, como reconheceu Benedito Nunes, só ocorreu em 1945, após a morte de Mário de Andrade, porquanto, segundo aquele, semelhantes homens de letras desconheciam o que transcorreu no seu estado durante os anos de 1920 a 1930, até porque alguns modernistas paraenses de primeira hora mudaram-se para a capital federal ou São Paulo.

O certo foi que, quando cessaram as publicações da revista *Belém Nova* em 1929, ano em que Nunes nasceu, cada um dos colaboradores do periódico trilhou caminhos diferentes. Uns continuaram suas produções sem a vinculação com o grupo e outros passaram a publicar no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Percebe-se ainda que, em relação a uma arte como a literatura, sobre a qual os estudos geralmente são feitos somente muitos anos depois da produção ficcional e poética, principalmente em se tratando de textos de estudos literários publicados em jornais e revistas, não sistematizados em livros escolares no “calor da hora”, esses conhecimentos permanecem, em geral, à margem do cânone.

Daí se constatar o seguinte: embora houvesse dois movimentos paraenses em que poetas, cronistas e romancistas se espelharam no Modernismo paulista e carioca para discutirem a literatura produzida no Brasil anterior à geração do pensador de Belém, e os principais autores modernistas, que congregaram a *Semana de Arte Moderna*, situados no eixo São Paulo – Rio de Janeiro, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, já tivessem assinado textos importantes da literatura Brasileira, a exemplo de *Pauliceia desvairada* (1922) e *Macunaíma* (1928); *Pau Brasil* (1924) e *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924); e *Ritmo dissoluto* (1924) respectivamente, essas obras não iluminaram de início os jovens da *Academia*

dos Novos, que apenas começavam o seu fazer literário. Senão, veja-se o abalizado comentário de Nunes:

A minha geração incorporou extemporaneamente esse movimento (o Modernismo), restaurando as suas fontes, paulistas principalmente e seus derivados cariocas e mineiros, sem entreter a menor relação com os pioneiros paraenses de Belém Nova, excetuando Bruno de Menezes, para nós tão só o autor da poesia da negritude em Batuque (1931), original contraponto à poesia servonegra de Jorge de Lima. Muitos dentre os pioneiros modernistas do Pará, na década de 20, como Eneida de Moraes, tomaram um Ita no Norte, emigrando para o Rio de Janeiro (2005, p. 291).

Após desfeita a agremiação da *Academia dos Novos*, em 1945, e criado o “Suplemento Arte Literatura”, em 1946, por Haroldo Maranhão, Benedito Nunes foi convidado para pertencer ao corpo de colaboradores daquele encarte jornalístico, cuja equipe de elaboração congregou um grupo de antigos e novos amigos paraenses, que escreveram no mesmo periódico e comungaram de igual ideário estético-literário, entre eles o piauiense Mário Faustino. Este se tornou um grande amigo de Benedito Nunes, tendo em vista, inclusive, as afinidades eletivas entre eles em termos de leituras. O próprio Nunes **esclareceu verbalmente** a respeito dessa amizade:

Conheci Mário Faustino em 1947, na primeira e única reunião da secção local da ABDE (Associação Brasileira de Escritores), que seu então presidente Haroldo Maranhão, também primeiro e único, conseguiu mobilizar (...). Não saberei dizer como se firmou entre nós o pacto da amizade. Na Belém de trezentos mil habitantes, pós-Segunda Guerra Mundial, havia, apesar do calor, clima para longas caminhadas a pé, para passeios nos velhos bondes, que seriam os últimos, ou nos novos ônibus, que então começaram a circular, e para demoradas conversas nas casas de um e de outro, que se prolongavam nos cafés, sobre livros que líamos. De caminhada em caminhada, de leitura em leitura, tornamo-nos íntimos, fraternais amigos: visitávamos-nos mutuamente sem hora marcada (2000, p. 39).

Semelhante amizade lítero-pessoal entre os dois intelectuais, além de profunda, duradoura e permanente, é citada por Lilia Silvestre Chaves, em *Mário Faustino: Uma biografia*:

A amizade com Benedito Nunes durou quinze anos, desde que se conheceram em 1947 até a morte de Mário Faustino em 1962. (...) A amizade entre Mário e Benedito jamais arrefeceu e iluminou a existência daquele que sobreviveu ao outro, mesmo para além da morte, pela lembrança e fidelidade a um nome (2004, p. 147).

Na ambiência cultural da capital do Pará, o “Arte Suplemento Literatura” exerceu papel fundamental tanto na divulgação da produção dos autores locais: poemas, capítulos de romance, traduções e ideias de intelectuais importantes do eixo Centro-Sul do Brasil e do exterior, quanto nas relações estabelecidas entre esses jovens literatos que aperfeiçoaram, também, suas leituras filosóficas, de poemas e de apreciação de livros, **como foi o caso do ensaísta Benedito Nunes**, que experimentou várias formas de arte da palavra e dos estudos do pensamento reflexivo, até encontrar o seu lugar na crítica literária e na filosofia.

O “Arte Suplemento Literatura” veio a constituir um dos mais importantes veículos locais de informação para os escritores iniciantes no estado do Pará, **como foi o caso de Benedito Nunes**. Em tal publicação se expôs:

o espírito de um grupo de intelectuais, poetas e jovens sonhadores, ávidos de conhecimento, não apenas restrito ao campo da literatura, mas exercendo o direito à pesquisa estética no campo da crítica de arte, nos moldes exercitados por Mário de Andrade” (MAUÉS, 2002, p. 24).

O convívio de Benedito Nunes com a leitura de textos sobre crítica literária e literatura ficcional, tais como: ensaios, artigos, entrevistas, poemas, capítulos de romances, que circularam no encarte jornalístico em causa, e a discussão, entre os seus redatores, sobre as novas ideias vigentes na literatura e na arte em geral, pois, nesse momento, já ocorria a chamada terceira fase do Modernismo brasileiro, quando despontou o poeta João Cabral de Melo Neto; a verve perspicaz de leitor “autodidata” do pensador brasileiro; o encontro, em 1947¹⁰, com Mário Faustino, que, como foi referido, veio ser um importante parceiro intelectual nas discussões e leituras de livros; tudo isso, certamente, contribuiu para a formação do crítico literário brasileiro, que escreveu, ainda muito jovem, na mesma folha para a qual colaboraram os mais renomados artistas literários e articulistas do período.

¹⁰ Cf. NUNES, Benedito: “Meu Amigo Mário”. In. *Dois ensaios e duas lembranças*. Belém: SECULT/UNAMA, 2000, p. 37-42.

Essa convivência com estudiosos de literatura na imprensa foi importante, porque colocou novamente em circulação, em Belém do Pará, dos anos de 1946 a 1951, a literatura produzida por ficcionistas, poetas e críticos do Brasil e do exterior, bem como pelos grupos locais que se organizaram em torno do “Suplemento Arte Literatura” do jornal *Folha do Norte*¹¹, criando, dessa forma, um convívio efetivo com a literatura.

O primeiro número do “Suplemento Arte Literatura” da *Folha do Norte* surgiu em 5 de maio de 1946, trazendo, na primeira página, a composição poemática “Testamento”, de Manuel Bandeira, e, na terceira página, o texto em prosa de autoria de Benedito Nunes, *João Silvério*, dividido em dois pequenos capítulos, a saber: “Menino Doente” e “Jaqueira”; constando a indicação “Capítulos de um Romance”, ao final do texto.

Nunes, em “Meu caminho na crítica” afirmou que talvez esse texto fosse uma imitação de *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego. No entanto, embora existindo algumas semelhanças entre as duas obras, suas principais diferenças permaneceram no fato de o texto do Nunes ter sido escrito em terceira pessoa e ser urbano seu espaço romanesco, enquanto o romance de José Lins do Rego foi escrito em primeira pessoa, apresentando espaço romanesco rural.

Os dois capítulos do romance inacabado *João Silvério*, de Benedito Nunes, foi narrado em terceira pessoa. Ali, fica retratada uma família muito pobre: Dona Inácia, esposa do Dr. Pedro Cascudo, funcionário público, que morreu tuberculoso, antes do nascimento do filho, João Silvério, que seria personagem principal da narrativa. Por isso, o menino é criado pela mãe.

O primeiro capítulo, intitulado “Menino doente”, mostrou-se em poucos parágrafos o pedido e o casamento de D. Inácia e a morte do marido, Dr. Pedro Cascudo. Foi também informado o fato dela possuir irmãs e de seu pai ser comandante. Mas, depois da morte do marido, do nascimento do filho, ela passou a morar só com o filho e seus santos, na Avenida Conselheiro Furtado, em Belém, sem nenhuma ajuda da família.

No segundo e último capítulo “Jaqueira”, local em que ocorriam as brincadeiras de crianças, apareceu Silverinho, filho de uma lavadeira, brincando com crianças menos

¹¹ Para se ter uma ideia do que acontecia em Belém do Pará, nesse período de 1946-1951, no “Arte Suplemento Literatura”, do jornal *Folha do Norte*, do dia 24 de dezembro de 1950, publicou-se poemas de dez poetas locais, a saber: Alonso Rocha, Benedito Nunes, Cauby Cruz, Floriano Jayme, Haroldo Maranhão, Mário Faustino, Maurício Rodrigues, Max Martins, Paulo Plínio Abreu, Ruy Guilherme Barata.

favorecidas economicamente do que ele, fato não é aprovado pela mãe dele, bem como as reflexões de menino criado na religião Católica, que tinha medo dos castigos de Deus e de ir para o fogo do inferno, lição que aprendia nas aulas de catecismo e relacionava com a convivência com esses meninos, que contavam anedotas “indecentes”: “tinha medo de ficar como o outro. E se Deus castigasse porque ia todas as noites na jaqueira aprender tolices”, p. 5 .

Ao passo que Carlos de Melo, protagonista de *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, já adulto, contou sua “crônica de saudades” dos quatro aos doze anos, período em que ocorreram fatos importantes em sua vida: o assassinato da mãe, o internato do pai num hospício pelo crime cometido, a transferência de Carlos de Recife para o engenho Santa Rosa, de propriedade do seu avô materno, José Paulino, e os anos que passou no engenho aos cuidados da sua tia Maria, bem como a convivência com parentes e com trabalhadores e trabalhadoras do engenho, ainda num regime quase de escravidão¹². A perda da mãe¹³ foi importante para a fatura do romance *Menino de engenho*, que se inscreve “sob o signo da perda e proteção materna¹⁴”

Observou-se ainda outro fator importante a diferenciá-los, ou seja, a condição econômica da personagem principal de *Menino de engenho*, o Carlinhos, neto de senhor de engenho, vivendo numa família abastada e sempre tratado pelos seus familiares, com exceção da “tia Sinhazinha”, com muito afeto¹⁵:

Diferentemente de Carlinhos, que nutria um profundo afeto pelo pai e vivia num contexto bem diferente do de Silverinho, as preocupações deste último são outras. A lembrança do pai morto só aparecia para que ele pensasse na possibilidade de ter tuberculose, doença da qual o pai morrera, porque não havia uma relação de afeto com o pai, uma vez que ele nem chegou a conhecê-lo.

Todavia, afigurou-se importante o seguinte sobre a afirmação de Nunes: ele foi um leitor de *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, e fez uma tentativa de escrever um romance, mas a escolha do material romanceável, talvez, não permitiu que ele concluísse o romance pretendido. Porém, essa tentativa, de certo modo, foi importante para que ele fosse se exercitando nas letras e pudesse, posteriormente, tomar a decisão de ser filósofo e crítico literário de uma forma lúcida, com conhecimento apurado dos fenômenos literários, o que viria a acontecer anos mais tarde.

¹² Cf. REGO, José Lins. *Menino de engenho*, 2010, p. 19 e 167.

¹³ *Idem*, p. 26.

¹⁴ Cf. BUENO, Luís. Uma história do romance de 30. São Paulo/Campinas, EDUSP/UNICAMP, 2006.

¹⁵ *Idem*, p. 27 e 29.

A experiência de Nunes com o gênero romance ficou apenas nos dois capítulos comentados, pois não houve continuidade do citado romance nos números subsequentes do periódico, até que, no suplemento nº 3, de 26 de maio de 1946, surgiu outro texto de Nunes. Trata-se do “Poema do solitário”.

Nunes publicou vinte e dois poemas no período de 1946 a 1949, dialogando com os postulados dos modernistas paulistas, a serem consideradas algumas de suas premissas, quais sejam: “a liberdade formal na criação poética”, “o uso da linguagem coloquial”, “a valorização poética do cotidiano”, “a utilização de versos livres”, “juízo de valor sobre a realidade brasileira”, “a ausência de pontuação”, ao lado do desejo de ultrapassar os limites (as normas, as regras?)¹⁶, numa sugestão de algo das vanguardas europeias, bem assim, a exemplo de Manuel Bandeira, o uso de termos considerados apoéticos, antilíricos, conforme no “Poema do solitário”, os vocábulos "equações" e "matemáticos". Bandeira, mesmo sendo considerado um poeta modernista, que encontrava poesia até numa prosaica embalagem de sabonete, não deixou de falar de estrelas e outras "amenidades", **como foram observados nos versos de Nunes**.

Nesse sentido, os poemas de Nunes poderiam ser avaliados, observando-se também os muitos ecos da memória¹⁷ de poetas brasileiros e estrangeiros presentes nessa produção feita para o encarte “Arte Suplemento Literatura”, do jornal *Folha do Norte*. Essa produção poética de Benedito Nunes não passou a outro suporte, como revistas e livros, a exemplo do que aconteceu com os poemas de seus companheiros, Mário Faustino, Ruy Barata e Max Martins.

No entanto, Nunes, no período da publicação desses poemas, gozava de prestígio em Belém entre seus pares. Inclusive, em uma notícia de 1948, do jornal em que ele publicou, foi apontado como “o jovem intelectual” e considerado “um dos mais jovens poetas paraenses”. Contudo, a partir de uma entrevista em dezembro de 1950, em que declarou que “seu pendor é para o estudo da Filosofia”, abandonou a carreira de poeta, justamente quase ao final da veiculação do encarte literário que tem o seu último número em 14 de janeiro de 1951.

A participação de Benedito Nunes no encarte da *Folha do Norte* se deu em várias frentes, pois, a partir de 25 de agosto de 1946, apareceu ainda uma coluna intitulada “Confissões do solitário”, publicada em 7 números, de 1946 a 1947,

¹⁶ PROENÇA, Domício Filho. *Estilos de época na literatura: através de textos comentados*. São Paulo: Ática, 1995, p. 343.

¹⁷ O eco não é repetição, a re-utilização não é restituição. André Topia, *apud*, Tiphaine Samoyault, p. 139-140.

constituída de uma série de aforismos, numerados de 1 a 78 (com lacunas nessa numeração). Esses aforismos tratam de leituras que o autor de *Introdução à filosofia da arte* (1967) encontrava-se fazendo naquele momento, principalmente sobre filósofos, porém com algumas referências a poetas e romancistas, em especial, estrangeiros, como Whitman, Gide, Goethe, Renan, entre outros.

Em 1950, data em que foi se esboçando o início da carreira de Benedito Nunes como crítico de literatura, verificou-se que ele optou por analisar textos de autores europeus, quando reconheceu a necessidade de outros parâmetros analíticos para compreender as obras de autores que publicavam nesse período, a exemplo de Kafka. Além disso, apontou a perplexidade dos analistas, que demonstraram muita dificuldade em reconhecer o valor dessas obras, pois o crítico considerou que essa literatura contemporânea “pede a ação de conteúdos espirituais mais complexos para ser interpretada”.

Benedito Nunes, entre 1946 e 1951, publicou em vinte e nove números do “Arte Suplemento Literatura”, do jornal *Folha do Norte*, somando um total de trinta e cinco textos, entre capítulos de romance, poesias, aforismos, discurso sobre poesia, e crítica de poesia e de romance. Semelhante fato revelou-se como um exercício fecundo para sua carreira de crítico literário e professor de Filosofia, cargo que exerceu desde jovem. Essa produção o colocou no centro das discussões literárias e filosóficas, primeiro em Belém e, posteriormente, no Rio de Janeiro (RJ), quando escreveu o artigo “O homem e sua hora”, sobre a poesia do seu amigo, Mário Faustino.

Três fases na vida intelectual de Benedito Nunes foram observadas. Na primeira fase, de 1946 a 1956, ele entrou como colaborador do “Arte Suplemento Literatura”, do jornal *Folha do Norte*, no qual publicou vários textos, como os já citados. No entremeio dessas publicações, fundou e dirigiu juntamente com Haroldo Maranhão e Mário Faustino a revista “Encontro”, de 1948. Nesse momento, conviveu com o círculo intelectual de Belém da década de 1940, círculo esse formado por duas gerações de escritores: uma dos jovens versejadores da *Academia dos Novos* formado por Benedito Nunes, Haroldo Maranhão, Max Martins, Alonso Rocha, Jurandy Bezerra, entre outros, aos quais se acrescentou aqui o nome do poeta Mário Faustino, que se agregou ao grupo em 1947.

A geração de Benedito Nunes conviveu com uma geração anterior e foi beneficiada por ela. Essa geração anterior estava em franca atividade, sendo integrada por escritores mais maduros, a exemplo do professor Francisco Paulo do Nascimento

Mendes, crítico literário, que na época foi por duas vezes (1948 e 1950) o orientador do jornal em apreciação. Nunes averbou, anos depois, que esse professor “era o elemento catalisador” do grupo, era quem “dava informações, e julgava os poetas” e também o encaminhou para o ensaio¹⁸”; Ruy Barata, Orlando Costa, Raimundo Moura, Bruno de Menezes. Estes são solidários interlocutores da geração intelectual da “Academia dos Novos” que chegou e teve oportunidade de se expressar num jornal que divulgou obras de grandes romancistas, poetas, contistas brasileiros e estrangeiros, artistas em geral e de autores belenenses como Benedito Nunes, que começou no jornal como poeta e terminou como crítico literário e estudioso de filosofia.

A segunda fase da vida intelectual de Nunes compreende o período de 1956 a 1966, momento em que ele publica o ensaio de crítica literária “O homem e sua hora”, sobre Mário Faustino (5 e 12 de agosto de 1956), no “Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que começou a publicar em Belém (12 de agosto de 1956), na coluna “Rodapé de Crítica” do jornal *A Província do Pará* e doravante começou a ficar conhecido fora do Pará, recebendo convites para publicação de seus textos em outros jornais do Centro-Sul do Brasil, como *O Estado de São Paulo* e o *Estado de Minas Gerais*.

Grande parte dos ensaios escritos por Nunes para os jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, foi publicada em livros. Verificou-se com esta pesquisa que os ensaios de Nunes feitos para os jornais eram, com algumas alterações, os que iriam ser publicados em livros a partir de 1966. Nesse sentido, observou-se que Nunes foi se preparando lentamente, nas décadas de 1940 e 1950, com leituras de obras literárias e filosóficas, o que lhe permitiu uma experiência ímpar para a produção de seus textos, tanto os de jornal quanto as publicações de livros.

A terceira e última fase partiu de 1966 e seguiu em diante. Naquele ano, Nunes publicou seu primeiro livro sobre literatura, *O mundo de Clarice Lispector*, trabalho analisado positivamente, dois anos depois, em 1968, pelo professor de Filosofia Vilém Flusser¹⁹, o que, de certo modo, foi projetando Benedito Nunes no mundo das Letras.

¹⁸ Ver *Conversas com filósofos brasileiros*. Marcos Nobre e José Marcio Rego. São paulo: Ed. 34, 2000, p. 74.

¹⁹ Vilém Flusser nasceu no ano de 1920, em Praga, na antiga Tchecoslováquia, onde estudou Filosofia de 1938 a 1939. Com o início da Segunda Guerra Mundial, vai para Londres. Ali, continuou seus estudos, mas não os concluiu. Fugindo do nazismo, em 1941 emigrou para o Brasil, passando a residir em São Paulo (SP) e tornando-se um autodidata. Na década de 1960, passa a lecionar Filosofia da Ciência na Escola Politécnica da USP; Filosofia da Comunicação, na Escola Superior de Cinema e na Escola de Arte Dramática (EAD), também em São Paulo, passando também a colaborar para o Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo*. Esse estudioso do pensamento de Heidegger morreu em 1991 em Praga.

Na mesma época, também deu a lume o livro *Farias Brito: trechos escolhidos* (1967), em que, ele discutiu a produção do pensador cearense e questões da Filosofia no Brasil. Observou-se que, a partir dessa visibilidade nacional, surgiram outros convites para publicação de livros, como *O dorso do tigre* (1969), *Leitura de Clarice Lispector* (1973), *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector* (1989) entre outros. Nesses livros e em outros da produção do crítico brasileiro, Nunes analisou romances, contos e poesias, baseando-se sempre nos conhecimentos filosóficos adquiridos durante longos anos de estudos, dos quais o período em que ele colaborou no “Suplemento Arte Literatura”, do jornal *Folha do Norte* foi fundamental.

Bibliografia

- BUENO, Luís. Uma História do romance de 30. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos Novos (1946-1952): Memórias Literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA; UNAMAZ, 2005.
- CHAVES, Lilia Silvestre. “Meu Amigo Mário”. In. *Mário Faustino: Uma Biografia*. Belém: SECULT; IAP; APL, 2004, p. 142-149.
- FARIAS, Brito: Trechos Escolhidos por Benedito Nunes. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1967.
- MAUÉS, Júlia. “A Modernidade Literária no Estado do Pará: O Suplemento Literário da *Folha do Norte*”. Belém: UNAMA, 2002.
- NOBRE, Marcos. Conversas com Filósofos Brasileiros. Organizadores Marcos Nobre e José Marcio Rego. São Paulo. Editora 34, 2000.
- NUNES, Benedito. *O Mundo de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1966.
- _____. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: São Paulo: Ática, 1969.
- _____. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.
- _____. *O Tempo na Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. *O Drama da Linguagem: Uma Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *Dois Ensaios e Duas Lembranças*. Belém? SECULT/NAMA. 2000.
- _____. *Meu Caminho na Crítica*. Revista Estudos Avançados: Rio de Janeiro, 2005.
- _____. Max Martins, Mestre-Aprendiz (Prefácio). In. Não para Consolar: Poemas Reunidos 1952 – 1992. Belém: CEJUP, 1992.
- NUNES, Benedito. João Silvério. (Capítulos de um romance). Jornal *Folha do Norte*, Belém, 05 de maio 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

____Poema do Solitário. *Jornal Folha do Norte*, Belém, 26 de maio de 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

____Trecho da Conselheiro Furtado. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 30 de junho de 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2;

NOTA BIOGRÁFICA: Os que colaboram na *Folha do Norte*. *Jornal Folha do Norte*, Belém, 11 de agosto de 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

NUNES, Benedito. Confissões do Solitário. *Jornal Folha do Norte*, Belém, 25 de agosto de 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p.4. (1-7).

____Confissões do Solitário. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 07 de setembro de 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4. (8-11).

____Balada do Inverno. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 05 de janeiro de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

____Confissões do Solitário. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 26 de janeiro de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4. (16-23).

____Poema das 4 Ruas. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 9 de fevereiro de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

____Poemas: Elegia, Fragmento, Hino do Caminhante. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 23 de fevereiro de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

____Ligação e Fragmento nº 2. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 16 de março de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

____Poemas: cantigas, Fragmento nº 3, Elegia para mim mesmo. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 13 de abril de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

____Confissões do Solitário. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 18 maio 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3. (25-43).

____Poemas: Mar, Triste 1, Triste 2. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 25 de maio 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 6.

____Ação e Poesia I: Especial para a FOLHA DO NORTE. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 01 de junho de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

____Ação e Poesia II. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 08 de junho de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

____Confissões do Solitário. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 06 de julho. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p.3. (44-60).

____Confissões do Solitário. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 06 de julho de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p.3. (61-68).

____Confissões do Solitário. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 03 agosto de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

____Poema. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 24 agosto de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

____Estrela do Mar (poema). *Jornal Folha do Norte*. Belém, 31 de agosto de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

____Confissão (poema). *Jornal Folha do Norte*. Belém, 21 dezembro de 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

____Fuga (poema). *Jornal Folha do Norte*. Belém, 01 janeiro de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.

____Salmo. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 13 de junho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.

IRÁ AO RIO BENEDITO NUNES. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 11 de janeiro de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p.3.

____. Poema. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 18 de julho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.

____Retrato *Jornal Folha do Norte*. Belém, 20 de fevereiro de 1949. *Suplemento Arte Literatura*, p. 1.

____Cotidiano e a *Morte de Ivan Ilitch*. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 22 janeiro de 1950, *Suplemento Arte Literatura*, p. 3 e 2.

BARATA, Ruy Guilherme *et al.* DEZ POETAS PARAENSES. Seleção e notas de Ruy Guilherme Barata. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 24 de dezembro de 1950, *Arte Suplemento Letras*, p. 1.

AFONSO, João (pseudônimo de Benedito Nunes). Dez poetas paraenses. Seleção e notas de Ruy Guilherme Barata. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 31 de dezembro de 1950, *Arte Suplemento Letras*, p. 4-2.

____NUNES, Benedito; AFONSO, João. Considerações sobre *A peste*. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 14 de janeiro de 1951. *Suplemento Arte Letras*, p. 3 e 2.

PROENÇA, Domício Filho. *Estilos de época na literatura: através de textos comentados*. São Paulo: Ática, 1995

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A Intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo&Rothschild. 2008.

SANTOS, Eunice Ferreira. *Eneida: memória e militância política*. Belém: GEPEN, 2009.